



A crítica-crônica de Apicius: um gênero híbrido na gênese do jornalismo gastronômico brasileiro¹

Renata Maria do Amaral²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Este artigo trata de um pioneiro do jornalismo gastronômico no Brasil, Apicius, que escreveu para o Jornal do Brasil durante mais de duas décadas, dos anos 1970 aos anos 1990. Identificado apenas pelo pseudônimo, o jornalista Roberto Marinho de Azevedo usufruía as vantagens do anonimato e escrevia sem sofrer pressões dos donos dos restaurantes. Seu estilo se utilizava de uma mistura dos gêneros jornalísticos opinativos crítica e crônica pois, ao mesmo tempo em que avaliava os pratos, também comentava fatos do cotidiano e narrava sua experiência de forma bastante pessoal. Aqui, discutimos a questão desse gênero híbrido e apresentamos exemplos tomados da obra apicianiana.

Palavras-chave: gêneros jornalísticos; crítica; crônica; jornalismo cultural; jornalismo gastronômico.

Apresentação

Este artigo tem como objetivo dar início à análise sobre a obra de Apicius, crítico de gastronomia do Jornal do Brasil da década de 1970 à década de 1990 e um dos precursores do jornalismo gastronômico brasileiro. Roberto Marinho de Azevedo se escondeu sob o pseudônimo para manter o anonimato e poder avaliar os restaurantes cariocas de forma isenta, sem ser reconhecido nem aceitar convites. Os textos – que calculamos totalizarem entre cerca de 1 mil durante esse período – eram publicados no Caderno de Domingo, revista encartada na publicação.

O pioneirismo e o anonimato, no entanto, não são os únicos motivos do interesse pelo personagem. Apicius desenvolveu um estilo peculiar, no qual às vezes o estabelecimento criticado merecia menos atenção do que outros aspectos pitorescos que observava ou que lhe vinham à mente. Muitas vezes, por causa dessas divagações, seu

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFPE), e-mail: reamaral@gmail.com



texto ficava no limiar dos gêneros crítica e crônica. Pode-se mesmo dizer que ele fundou um gênero híbrido único na imprensa nacional.

Apicius começou seu trabalho no Jornal do Brasil como repórter da editoria Internacional, mas desde jovem já mostrava interesse pela literatura – um de seus poemas foi publicado no Jornal do Commercio carioca quando ele tinha apenas 15 anos, selecionado por ninguém menos que Carlos Drummond de Andrade. Jornalismo e literatura viriam a se mesclar em seus textos no jornal, como acontece tipicamente na crônica. Fora do JB, também publicou livros de poesia.

Sua identidade só foi revelada em 1997, no mesmo caderno que publicou seus textos durante mais de 20 anos. A alcunha remetia a Marcus Gavius Apicius, lendário gourmet romano que se acredita que tenha vivido no século I e a quem se atribui a autoria do livro “Apicius: de re coquinaria” (ou “A arte da cozinha”), que teve várias edições e é considerado um dos primeiros livros de culinária do mundo.

Além de escrever, o Apicius brasileiro também era ilustrador da sua coluna semanal, chamada “À mesa como convém”, que ia além do objetivo de criticar restaurantes e terminava tecendo comentários sobre a cultura e a sociedade brasileiras. Os desenhos, de traçado simples e leve, muitas vezes sequer tinham ligação referencial direta com o tema, o que pode ser uma chave para desvendar o “lado poeta” do autor. Quando se aposentou por causa de uma doença no fígado, passou a viver na ponte aérea entre Paris e Rio de Janeiro. Apicius morreu em 7 de março de 2006, aos 66 anos, deixando como legado um retrato dos costumes da sociedade carioca da época por meio da gastronomia.

Uma crônica de Apicius figurou recentemente na coletânea “Boa companhia”, editada pela Companhia das Letras, ao lado de nomes como Fernando Sabino, João do Rio, José de Alencar, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar e Rubem Braga. O jornalista e organizador Humberto Werneck afirma, no prefácio ao livro, que “Apicius, pseudônimo de Roberto Marinho de Azevedo, notabilizou-se como autor de colunas de gastronomia capazes de saciar apetites também literários.”

Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado que se propõe a responder às seguintes questões: como as estratégias discursivas, textuais e narrativas utilizadas por Apicius para tratar da gastronomia – vale frisar: durante mais de duas décadas, em um veículo de grande circulação, quando o tema ainda não tinha o apelo midiático de hoje em dia – resultaram em um gênero jornalístico híbrido e original? E de que forma o



autor ajudou a colocar a gastronomia no campo jornalístico e comunicacional indo além da tradicional seção de receitas, ou indo da cozinha à mesa como convém?

Gêneros: discursivos, textuais, jornalísticos

A comunicação, seja falada ou escrita, se dá por meio de gêneros. Quer tenhamos consciência disso ou não, toda a produção textual humana passa por eles. Bakhtin (1979, p. 301), referência na conceituação dos gêneros do discurso, explica que “para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo”. Esses tipos relativamente estáveis de enunciados se diferenciam uns dos outros pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 1979, p. 280)

Ao falar de estilo, o teórico não quer dizer que todos os gêneros possuem as mesmas possibilidades de expressão individual. Os gêneros literários são os mais propícios a essa diferenciação. Vamos retomar essa ideia adiante, ao analisar os aspectos cronísticos dos textos de Apicius. Como a crônica é um gênero ao mesmo tempo jornalístico e literário, que mescla os dois campos da escrita, ele é mais apto ao exercício livre do estilo do que outros.

Marchuschi (2002) retoma a definição bakhtianiana ao tratar dos gêneros textuais, que toma como sinônimos dos gêneros discursivos. Para o autor, os gêneros são um fenômeno histórico ligado à vida sociocultural: “Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.” (p. 1) Isso não significa que eles sejam camisas de força que limitem a criação, pois apresentam maleabilidade e plasticidade, adaptando-se às necessidades cotidianas. “Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas,



cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais.” (p. 2) Ou seja, trata-se mais de uma questão de função do que de forma – mas isso não significa que ela seja desprezada. Há casos de gêneros em que a forma é determinante.

Em outros, até mesmo o suporte pode ser o fator chave para a definição de suas particularidades. Marcuschi defende que são as tecnologias da comunicação e da informação as maiores responsáveis, nos últimos dois séculos, pelo aparecimento de novos gêneros para contemplar as necessidades comunicativas. No caso dos jornais, surgem editoriais, artigos de fundo, notícias, cada um com suas peculiaridades e seus objetivos bem definidos.

É importante distinguir o gênero textual do tipo textual e do domínio discursivo. O tipo textual – como a descrição, a narração e a argumentação – é um construto teórico que pode ser caracterizado por sua natureza lingüística e suas relações lógicas, com vistas a atingir determinado fim.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. (MARCUSCHI, 2002, p. 4)

O domínio discursivo, por sua vez, refere-se a uma instância de produção discursiva ou de atividade humana que permite o surgimento de discursos específicos. O discurso jornalístico, por exemplo, origina gêneros como a notícia, a reportagem e a entrevista. “Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.” (idem, p. 5)

Melo (2003) se ateu ao estudo dos gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Para ele, a categoria opinativa procura influenciar o leitor e atua como formadora de opinião. Para fins deste artigo, vamos nos ater aos gêneros crítica (ou resenha) e crônica, pois eram justamente os dois utilizados, de maneira híbrida, por Apicius.

A crítica é a apreciação de produtos culturais e obras artísticas com o objetivo de orientar os consumidores e leitores. Há quem defenda o uso do termo “crítica” exclusivamente para a área acadêmica, referindo-se a algo mais embasado e profundo, e da expressão “resenha” para a área jornalística, mais breve e superficial. A primeira se destinaria a entendidos e a segunda, ao consumo popular. Na prática, o termo “crítica” é usado para as duas funções no Brasil, o que nos leva a optar por ele em nossa exposição.



É importante lembrar que, apesar do significado do termo no senso comum, crítica não quer dizer necessariamente algo negativo. A crítica tem um lado forte de jornalismo de serviço, pois o leitor pode usá-la para ajudá-lo a tomar decisões práticas sobre, por exemplo, a que restaurante ir. Ao lado das questões estéticas, há questões mercadológicas envolvidas:

Seu âmbito de ação contempla os produtos tradicionais, como a literatura e o livro, a música e as artes plásticas, o teatro e a dança, mas atribui ênfase aos novos produtos da indústria cultural que constituem fonte segura de receita publicitária: a televisão, o cinema, a música, e até mesmo o esporte, a gastronomia e a publicidade. (MELO, 2003, p. 138)

A crônica, por sua vez, é um gênero tipicamente brasileiro que mescla jornalismo e literatura. Trata o real de forma poética, usando os fatos como pretexto, como mote. Nomes como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, nos anos 30, reinventam a crônica já talhada por Machado de Assis e José de Alencar:

Se a crônica de costume se valia do real (fatos ou idéias do momento) simplesmente como “deixa” ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ele figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (idem, p. 155)

Suas características são fidelidade ao cotidiano e crítica social, mas sempre com ares de despreocupação e casualidade. É comum se verificar um tom de conversa e de intimidade com o leitor, tido como um amigo do autor. Da fonte da literatura, a crônica bebe a maneira elaborada de narrar histórias e a liberdade na hora de escrever; do lado do jornalismo, ela herda os veículos de divulgação e a inspiração para seus temas.

Vale mencionar que os cronistas trabalham de maneira diferente do restante da redação. Em geral, costumam ser colaboradores e não contratados do veículo para o qual escrevem. Portanto, não sofrem tanto com a pressão do tempo quanto os repórteres, o que lhes permite burilar melhor seus escritos. O pagamento pelo serviço é simbólico, mas o cronista é dono dos direitos autorais e pode publicar seus textos em coletâneas se assim desejar.

Acompanhemos as descrições mais sintéticas do Manual da Redação da Folha de S.Paulo (2007) para comparar com as anteriores. Segundo a obra, a crítica avalia



trabalho artístico, acadêmico ou desempenho esportivo e é sempre assinada, enquanto a crônica aborda assuntos do cotidiano de maneira mais literária do que jornalística e também é sempre assinada. Nascimento (2009) lembra que a resenha crítica julga produtos culturais ao mesmo tempo que apresenta a obra e é escrita em terceira pessoa. Martins Filho (1997), autor do manual do jornal O Estado de S.Paulo, por sua vez, diz que a crônica é o único gênero do jornal que pode ser feita em primeira pessoa. É o que faz Apicius: ao misturar crítica e crônica, opta pelo relato pessoal, mas também realiza avaliações dos locais que frequenta.

A crítica-crônica de Apicius

Depois de esmiuçar o conceito de gênero, vamos verificar como se dá a interseção entre crítica e crônica na obra de Apicius. É comum que o autor utilize temas do cotidiano como mote antes de chegar no assunto da refeição propriamente dita. Geralmente, o texto se inicia como crônica e termina como crítica. Vejamos o exemplo do texto “Ficha”, sobre o restaurante carioca de mesmo nome, localizado no Centro:

Enquanto a criatividade fiscal não inventa novas taxas talentosas – um imposto sobre a quilometragem a pé, por exemplo, não é de descartar-se –, tenho ido com frequência à cidade. Ao andar por suas ruas pequenas, imagino como vai ser difícil nelas circular-se a cavalo, ou de fiacre, talvez, quando a gasolina acabar. E o encanto extra desses passeios é que os restaurantes que se espalham pelo Centro pertencem a outra espécie que os da Zona Sul. (APICIUS, 1986, p. 7)

Apicius ironiza, ao mesmo tempo, a quantidade de impostos no Brasil e o racionamento de combustível corrente na época. Somente no fim do parágrafo entra no assunto da crítica: os restaurantes do Centro. Mesmo quando inicia a avaliação dos pratos, ele não deixa de lado o tom intimista de quem está contando uma história a um amigo, como podemos ver no trecho a seguir:

Se não tivesse chovido tanto nos dias seguintes, teria voltado novamente. Mas chovia. E só uma semana depois consegui entrar de novo no restaurante com Mlle D. que, de imediato, convocou um enroladinho de porco com bacon e pepinos. Era coisa caseira e excelente, talvez melhor – ou talvez fosse coisa do dia – que o meu Labskaus – carne desfiada, curtida, com dois belos ovos lhe coroando a barriga. (idem, p. 8)



Não é o objetivo deste artigo comparar o texto apiciano com as críticas e/ou as crônicas atualmente feitas no país, mas podemos dizer com segurança – após o estudo anteriormente realizado por nós (AMARAL, 2006) e o acompanhamento constante de veículos de jornalismo gastronômico – que a abordagem do autor é bastante peculiar. A mistura dos dois gêneros jornalísticos opinativos permite a Apicius, ao mesmo tempo em que critica, expressar-se de forma livre, com uso de metáforas (“convocou um enroladinho de porco com bacon”), de narrativas cheias de divagações (“Se não tivesse chovido tanto nos dias seguintes, teria voltado novamente. Mas chovia.”) e de descrições curiosas e personificadas (“carne desfiada, curtida, com dois belos ovos lhe coroando a barriga”).

Tomemos como segundo exemplo o texto “Senac Restaurante CFP5”. O autor relata sua visita à casa, responsável pela formação de jovens aprendizes de cozinheiros e garçons.

Não penso no futuro. Para quê? Não penso nem um pouco no que possam fazer com este país. Nem eu, nem tu, leitor pretensioso, se achas que vales mais que o primo do gato do vizinho. Alegre engano teu. (Aliás, tristíssimo.) Fomos reduzidos a coisa abstrata – povo, tal como via o faraó. (Daria uma bela lição de humildade. Mas nem isso vamos aproveitar.)

Entregue, pois, o país às baratas, aos ratos, à esclerose e às dívidas, sigo o conselho de Goetz von Berlichingen: fecho meu coração com mais cuidado que minhas portas. Não me interessa mais. Um resto de curiosidade, no entanto, me arranha os nervos. Já que dele dependo para tudo, quero saber como o governo age. Mas não vou a Brasília. Prefiro subir no primeiro andar da Rua Pompeu Loureiro, onde o Senac treina cozinheiros e garçons e mostra o que eles sabem fazer. Ou deveriam. (ibidem, p. 17)

Como é comum ocorrer nas crônicas, Apicius dialoga diretamente com seu “leitor pretensioso”. Avisa que é melhor nem pensar no futuro do país, que já não lhe interessa. Logo em seguida, diz-se curioso sobre como o “governo” realiza o treinamento dos profissionais de cozinha no Senac. No trecho de crítica, busca ser tolerante, por se tratar de um restaurante-escola. O atendimento, porém, gera uma piada pronta que não poderia passar incólume à pena do autor:

Bem sei, leitor, que é fácil encontrar enganos em um restaurante de aprendizes. nem lá quis comer muito bem. Mas há limites. O cheiro de gordura que tomava a sala toda seria dispensável. Os pratos bem que poderiam ser um pouco menos desastrosos. Assim como o serviço. Este, aliás, é muito atencioso e generoso até. Quando saímos, entregou o garçom à distraída Sra. K. um casaco, um

guarda-chuva e uma pequena bolsa que estavam sobre uma cadeira. Eram da mesa ao lado. (ibidem, p. 19)

O último texto que tomaremos como exemplo é “Comendo em Mariana”. Ao avaliar a gastronomia das cidades históricas de Minas Gerais, Apicius inicia o texto reclamando de como Ouro Preto virou uma cidade apenas turística, onde tudo se molda para agradar aos olhos dos visitantes, de maneira artificial:

Com insensatez, é em Ouro Preto que os desavisados procuram uma cidade mineira antiga. Ela não está ali. É certo, as casas são as mesmas de sempre, também as ruas e a imensa tristeza que empalha a velha Vila Rica. Mas moradores, lembranças barrocas, boêmios variados, até fantasmas, foram todos tocados pela maldosa fada do turismo. Tudo virou mentira. São de mentira as missas, as bebedeiras, até a pedra-sabão. E da pior mentira que existe: aquela que é igualzinha à verdade, pois não é falsa em nada, exceto na alma. Tristíssima e profissional Vila Rica! Virou uma espécie de Veneza a seco. (ibidem, p. 75)

Depois das divagações críticas da crônica – vale salientar, aqui permeada pela “crítica” tomada no senso comum, ou seja, como sinônimo de apresentar o lado negativo –, o autor passa ao trecho de crítica dos locais visitados:

Menos interessante como comida, mas muito agradável como ambiente, é o Alvorada. Em dias de semana, talvez tenha serviço mais ordeiro. Lá estive, porém, em um domingo. A casa mal podia sob o peso de duas ou três mesas de turistas. O surubim acebolado era um peixe muito frito e o tutu à mineira não tinha graça maior. Independente das ânsias dominicais da cozinha, o doce de leite estava excelente. Sim! Porque a casa tem sobremesa, o que marca sua ascendência sobre grande parte das concorrentes. (ibidem, p. 76 e 77)

O aspecto de local turístico é retomado nas observações (“A casa mal podia sob o peso de duas ou três mesas de turistas”), ao lado de comentários sobre os pratos (“O surubim acebolado era um peixe muito frito e o tutu à mineira não tinha graça maior”) e de comparações com as casas citadas anteriormente (“Sim! Porque a casa tem sobremesa, o que marca sua ascendência sobre grande parte das concorrentes.”).

Levada ao extremo pelo uso do pseudônimo, a questão do anonimato chama a atenção na figura de Apicius. Atualmente, uma parcela significativa dos jornalistas de gastronomia não trabalha dessa forma e faz a crítica de estabelecimentos para os quais vai como convidado. Desnecessário comentar o quanto essa prática é prejudicial ao trabalho jornalístico, pois a equipe do restaurante faz de tudo para a experiência ser perfeita. O leitor, no entanto, não terá acesso ao mesmo tratamento quando resolver



visitar a mesma casa. Além disso, outro ponto deve ser considerado: o crítico anônimo também usufrui maior liberdade não somente na hora de degustar, mas também na hora de escrever. Os textos publicados na imprensa influenciam o público a ir ou não ir a um estabelecimento – e poder emitir opinião sem sofrer pressões de ninguém é o ideal.

É curioso perceber que o não-anonimato praticado hoje em dia não redundava, ao contrário do que se pode pensar, em um estilo pessoal mais marcado no texto. O que se pode perceber é justamente o oposto: uma certa pretensão de objetividade nas críticas atuais. O autor não se coloca diretamente na crítica – o interessante é que, apesar de se tratar de um depoimento intrinsecamente pessoal, a impressão é de que o autor inexistente, como se fosse possível ser impessoal ao falar sobre o ponto de uma massa ou de uma carne que se degustou, algo motivado por percepções sensoriais intransferíveis. O anonimato, por sua vez, não exclui a subjetividade. No caso de Apicius, o que acontece é exatamente o contrário: seu texto é pessoal e o desconhecimento de sua identidade serve como recurso para escrever de forma livre e despreocupada – como, de resto, costuma ser a escrita da crônica.

Considerações finais

Com este artigo, buscamos dar início à exploração do gênero jornalístico opinativo crítica-crônica a partir da figura de Apicius. Além de avaliar as refeições de que participava, ele aproveitava para falar sobre temas do cotidiano em voga no noticiário, em uma junção peculiar. Para ele, não era suficiente falar sobre o ponto do filé – era preciso também contar em detalhes como foi o almoço ou o jantar com seus amigos e oferecer pitacos sobre assuntos variados, em um texto final leve e repleto de subjetividade, inclusive escrito em primeira pessoa.

Também cabe frisar que a pesquisa pretende contribuir para sanar a lacuna de bibliografia sobre temas como jornalismo cultural em geral, jornalismo gastronômico em específico e gêneros jornalísticos opinativos no país. Os livros à disposição dos estudantes e pesquisadores de Comunicação hoje abordam essencialmente os gêneros informativos e deixam de lado todos os demais, como se apenas a dita “objetividade” importasse. No entanto, a leitura de um jornal ou uma revista não tem como único objetivo adquirir informação bruta, mas também encontrar opinião e entretenimento. Com as notícias em tempo real veiculadas na internet, os leitores já abrem o jornal sabendo o que se passou no dia anterior. Portanto, essa variedade de gêneros opinativos, analíticos



e interpretativos funciona como diferencial dos veículos impressos na concorrência com os demais meios de comunicação contemporâneos.

Defendemos que o tema é relevante porque Apicius foi pioneiro no jornalismo gastronômico, parte do jornalismo cultural que está em forte expansão atualmente. Nenhuma das revistas hoje no mercado, como *Gula*, *Prazeres da Mesa*, *Menu e Engenho*, por exemplo, existia na época em que ele escrevia, assim como os cadernos específicos sobre o tema atualmente presentes em jornais de circulação regional e nacional. A história de Apicius ainda aguarda ser contada, pois retrata uma verdadeira crônica – agora em sentido mais amplo – da sociedade, dos costumes e da cultura que formavam o panorama da época. Além disso, alguns dos temas que sua figura suscita, como o anonimato, estão em discussão na crítica de gastronomia feita hoje, o que atualiza o assunto da pesquisa para além do seu valor histórico.

A despeito do interesse pela gastronomia na contemporaneidade, pouco se tem estudado, na academia, sobre o tratamento dado a ela na área da comunicação. Quais foram as condições de possibilidade para ela se constituísse como um assunto do jornalismo cultural? Também se observa um boom no mercado editorial e nas faculdades e cursos voltados para essa área – e quanto mais se divulga, maior parece ser o interesse do público, e vice-versa, numa espécie de retroalimentação. Resumindo, como foi que a gastronomia entrou em pauta e qual foi o papel de Apicius nessa construção? Como é que a alimentação deixou de ser assunto apenas culinário para ser vista na mídia como importante elemento de sociabilidade e interação entre as pessoas, como se pode ler em suas críticas-crônicas, nas quais ele raramente aparece sozinho? Essas questões ainda aguardam ser respondidas e pretendemos fazer isso no decorrer desta pesquisa de doutorado.

Referências bibliográficas

AMARAL, Renata Maria do. **Gastronomia: prato do dia do jornalismo cultural**. Recife, dissertação de mestrado em Comunicação, UFPE (mimeo), 2006.

APICIUS. **Confissões íntimas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso”. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 1992. pp. 277-326.



MANUAL DA REDAÇÃO: Folha de S.Paulo. 12. ed. rev. São Paulo: Publifolha, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** Recife, artigo, UFPE, (mimeo), 2002. p. 16.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo.** 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia.** São Paulo: Saraiva, 2009.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural.** São Paulo: Contexto, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WERNECK, Humberto (org). **Boa companhia: crônicas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.